

O QUE EU QUERO PODE ACONTECER

Pedro Bandeira



© Atílio

Resenha

Como será que giraria o mundo se fosse tudo ao contrário, se criança fosse adulto, se grande fosse pequeno? Podia ser que houvesse patins rodando pela sala, sem rostos zangados – e quem sabe sorvete, em vez de castigo. Mas, enquanto o mundo não muda, talvez a saída seja passar um tempo na casa da vovó, em que quase tudo é permitido, mesmo que dê saudades de casa. A vida é estranha, surpreendente e cheia de escolhas. Seria tudo tão mais fácil se fosse possível fazer lição de casa com uma varinha mágica, ou quem sabe arrumar os brinquedos com um estralar de dedos. Até perto do mar a gente se confunde: será que vale a pena levar para casa a concha encontrada na praia, mesmo que isso custe a vida do bicho que mora ali dentro? E se a gente pudesse ser um passarinho, será que valeria mais a pena ser o lindo canário que canta afinado na gaiola, ou o pardalzinho sujo que voa para onde quiser? Dizem que todo mundo morre, e que para não morrer de verdade é preciso plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro. Todas as três coisas, ou uma só delas já está valendo? Por que será que nem sempre a gente pode fazer tudo o que quer?

Nos poemas de *O que eu quero pode acontecer*, Pedro Bandeira assume o ponto de vista de um eu lírico criança – que se indaga a respeito do mundo, dos seus habitantes e de suas regras, procurando entender que espaço existe para seus desejos mais espontâneos num mundo em que ordem e caos, animais e humanos, afeto e disciplina, devaneio e pragmatismo coabitam.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Os versos são, em sua maioria, escritos em redondilha maior ou menor, com rimas alternadas, mas alguns poemas propõem outros ritmos, com versos dodecassílabos. Ao final do livro, o autor exorta seus jovens leitores a aproveitar a vida enquanto é tempo, já que ela não demora a passar...

Depoimento

De Pedro Felício, ator e pai

Pedro Bandeira participou de muitos momentos da minha vida. Na vida escolar, li as aventuras dos Karas e uma das primeiras peças de teatro em que atuei foi uma adaptação de *O fantástico mistério de Feiurinha*. Mas esta foi a primeira vez em que tive contato com sua poesia para crianças.

Mais do que uma simples leitura, *O que eu quero pode acontecer* configurou-se como uma grande empreitada aqui em casa. Foi preciso ler aos poucos: dois poemas antes de dormir, um terceiro pela manhã, escolher um quarto pelas ilustrações e lê-lo antes de ir para a escola, reler o “do bebê” duas ou três vezes (atendendo aos pedidos de minha filha pequena), assim como “No ano que não vem” (já que ela pôde escolher, o mais velho também quis). Assim, tivemos a companhia dos poemas de Pedro Bandeira por mais de uma semana.

Daí que foi um livro que lemos de um modo muito particular. Eu, por meu lado, tendo a cautela de explicar algumas expressões já não tão em uso e também de contrapor algumas noções que, na idade escolar em que meu filho se encontra, podem esbarrar em um tipo de lugar-comum. A ideia de não gostar de fazer a lição, por exemplo, para meu filho é quase impensável: como iniciou essa prática recentemente, adora o momento de sentar-se à mesa em casa para ler, escrever, somar. No mais, as próprias crianças animaram-se em fazer contrapontos: comparar a avó do menino com a vovó Di e com a nona Mi, fazer piadas com as combinações de comidas inusitadas, comparar também como cada um se relaciona com o bebê que aparece dentro da barriga da mãe.

Dos momentos mais sutis do livro, destaco a ideia da morte do avô. Essa questão da morte aparece bastante nas conversas com meu filho. Dessa vez, a partir dos versos de Bandeira, pudemos tratar da imortalidade: sobre os super-heróis imortais, sobre vampiros, sobre os deuses gregos e sobre a imortalidade possível e concreta que existe na construção de um legado. Foi muito fascinante para mim explicar a eles (porque a irmã, com seus tímidos três anos, também se interessou pelo assunto) esse conceito e tentar encontrar, em nossa vida prática e cotidiana, exemplos do que eu dizia. “Mas os filhos também ficam velhinhos e morrem, né? Então precisava era ter netinhos...”, refletiu meu filho, quase falando para si mesmo. É um assunto complexo, mas de uma beleza singular quando tratado sem tabus.

Esse livro trata de muitos temas, todos muito presentes na vida das crianças. Talvez esse seja um trunfo interessante: os pequenos passam a ter uma referência poética quando atravessam situações similares às do livro, como uma válvula de escape das saturadas referências televisivas, *inter-néticas*, *youtúbicas*. Isso vale ouro.

Nesse caldo, brilha a referência visual proporcionada por Atílio. As ilustrações (e não é nada fácil ilustrar poesia) tornam-se rapidamente a cara de cada poema. Olhar para elas remete imediatamente não só aos temas como à forma propriamente dita, às rimas, ao ritmo de cada poema.

Sobretudo, volto a dizer, esse livro foi para nós um processo, um projeto de leitura. E é importante que tenha sido assim, na medida em que pudemos fruí-lo sem pressa, aproximando-nos do autor aos poucos, sem sustos: recorrendo ao livro em situações cotidianas que reconhecíamos, apropriando-nos de suas palavras conforme a vida tornou-as necessárias.

Um pouco sobre o autor

Nascido em Santos, São Paulo, em 1942, **Pedro Bandeira** mudou-se para a cidade de São Paulo em 1961. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. A partir de 1983, tornou-se exclusivamente escritor. Sua obra, direcionada a crianças, jovens e jovens adultos, reúne contos, poemas e narrativas de diversos gêneros. Entre elas, estão: *Malasaventuras – safadezas do Malasartes*, *O fantástico mistério de Feiurinha*, *O mistério da fábrica de livros*, *Pântano de sangue*, *A droga do amor*, *Agora estou sozinha...*, *A droga da obediência*, *Droga de americana!* e *A marca de uma lágrima*. Recebeu vários prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A partir de 2009, toda a sua produção literária integra com exclusividade a Biblioteca Pedro Bandeira da Editora Moderna.



Leia Mais

Do mesmo autor

- ✦ *Mais respeito, eu sou criança*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O fantástico mistério de Feiurinha*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Cavalgando o arco-íris*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Uma ideia solta no ar*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Esses bichos maluquinhos!* São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✦ *O menino poeta*, de Henriqueta Lisboa. São Paulo: Global.
- ✦ *Berimbau e outros poemas*, de Manuel Bandeira. São Paulo: Global.
- ✦ *O bicho alfabeto*, de Paulo Leminski. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Poemas para brincar*, de José Paulo Paes. São Paulo: Ática.